

+TEATRO

# Nordeste revelado

“Agreste Malvarosa”, que reflete sobre sexualidade feminina no sertão, será encenado gratuitamente em cinco cidades da região

Karina Pilotto  
AMERICANA

Mulheres que desconheciam seu corpo, sua sexualidade e o silogismo tortuoso de sua feminilidade. Este é o ponto de partida do espetáculo “Agreste Malvarosa”, que reflete sobre o preconceito e o amor incondicional. Encenado pelas atrizes Millene Ramalho e Rosana Barros, que também narram os personagens da história, a montagem conta a história de um casal de la-

vradores que rompe a cerca que os separava e foge para viverem juntos sertão adentro. Após 22 anos de casados, o marido morre e, durante o velório, a esposa descobre por meio das velhinhas carpeideiras que na verdade ele era uma mulher. Machucada pela perda, sem entender a dimensão de seus atos, a esposa acaba sendo vítima do horror e da intolerância do povo.

A turnê do espetáculo, agraciado em 2012 com o Prêmio Funarte (Fundação Nacional de Artes) de Teatro

Miriam Muniz, teve início ontem em Jundiá, no Teatro Polytheama. Hoje, a peça sobe ao palco do Teatro Castro Mendes, em Campinas; amanhã está no Teatro Fábrica das Artes, em Americana; no próximo dia 15, no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara d’Oeste, e no dia 16, no teatro do Sesi (Serviço Social da Indústria) de Piracicaba. As montagens acontecem às 20h, com entrada gratuita. Em entrevista ao LIBERAL na última quarta-feira, o dramaturgo Newton Moreno, o autor da montagem, e a atriz Millene Ramalho falam sobre a idealização da peça.

“Conheci uma amiga que trabalha com orientação sexual no interior de Pernambuco. Ela contou uma história que não é a específica do ‘agreste’, mas que também falava sobre mulheres que conheciam muito pouco seu

próprio corpo e sexualidade, não conheciam a si mesmas”, conta o autor a respeito de sua ideia, surgida na década de 90.

O texto nasce numa encruzilhada que confronta o imaginário nordestino e o discurso limitrofe das sexualidades contemporâneas. Recorre a um dos elementos do imaginário sertanejo, a figura da mulher que se traveste de homem. Aborda a reflexão sobre até onde essas mulheres tinham consciência de seus corpos, de suas cascas e de sua transgressão e até onde pode chegar o grau de desinformação do povo no interior do Brasil. “Agreste Malvarosa” justapõe uma pesquisa de temáticas contemporâneas à supressão do outro, como a homofobia e a redefinição de papéis e identidades sexuais ao abandono do povo nordestino e ao discurso contemporâneo da frágil linha limitro-

fe da sexualidade. Newton lembra a dificuldade para lançar-se como dramaturgo. “Eu era ator e tinha uma primeira versão desta peça, mas não tinha coragem de mostrar meus escritos. Até que mostrei para meu professor Márcio Aurélio, da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), em 2003, sendo que a peça tinha sido feita entre 1992 e 1995, quando eu estudava lá”. Ele lembra que seu primeiro texto para teatro estreou em 2001, o espetáculo “Deus Sabia de Tudo e Etc”. “Antes era tudo ‘rabisco’, minhas dramaturgias eram rascunhos. A partir de ‘Deus’ comecei a acreditar que poderia escrever para teatro”.

“Agreste Malvarosa” foi montada para os palcos cariocas em 2010, sob direção de Ana Teixeira e Stephane Brodt e se tornou grande sucesso de crítica e público em sua temporada no Rio de Janeiro e nos festivais por onde passou.

**CONSTRUÇÃO.** “O texto do Newton é muito rico em imagens. É simples, mas com uma linguagem extremamente rica e poética. É um presente para qualquer ator. Liguei para o Newton perguntando se ele tinha algo para me apresentar, e quando li ‘Agreste Malvarosa’ automaticamente fui levada para esta terra seca onde também nasci, pois sou de Campina Grande, na Paraíba. Ele passa muito pela narração, e inclui o perfil de contadores de histórias. E u-

a Rosana interpretamos quatro personagens cada uma. Os primeiros são os narradores, que são carregados de lembranças do agreste. Depois eu interpreto a viúva, depois fazemos duas velhas e também os personagens masculinos”, explica Millene.

Ela lembra que o processo de construção dos personagens foi intenso. “Fizemos um extenso trabalho de pesquisa e elaboração. Foi arriscado porque queríamos sair do óbvio e encenar um Nordeste além deste cenário árido, pois o tema vai muito além disso, que é o amor de duas pessoas. Os personagens lembram, revivem e compartilham uma vida. O processo durou seis meses, ensaiávamos das 8h às 13h, todos os dias, sem intervalos. Tivemos várias oficinas com Stephane de expressão corporal, de mímica, de como criar o personagem por meio de máscaras balinesas. Unimos o que a gente tinha com o que os diretores tinham para nos oferecer e formamos esta linguagem”.

Millene observa que o texto proporciona ao ator a oportunidade de se expressar na tragédia, na comédia e no drama. “A gente viaja por todos esses gêneros do teatro. É uma peça que exige muito dos atores e das transições em cena, é um grande desafio proporcionar este olhar feminino do agreste”, finaliza a atriz.

Trailer e fotos no site:  
 **liberal.com.br**

Julio Appel DIVULGAÇÃO

